

CAMINHOS DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA:

O MARXISMO OCIDENTAL E O PROBLEMA DA RELAÇÃO ENTRE A RAZÃO, A POLÍTICA E A TOTALIDADE DO REAL

META

Expor alguns conceitos fundamentais do pensamento filosófico do século XX.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá:
definir a crítica marxista das sociedades capitalistas modernas;
analisar os principais pontos das reflexões filosóficas da herança hegeliana; e
estabelecer as principais características da filosofia do século XX.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá revisar os assuntos relativos à Filosofia Moderna.



Karl Marx (Fonte: <http://online.chabotcollege.edu>).

Caro aluno, na aula de hoje vamos caracterizar um aspecto problemático de uma das linhas ou dos caminhos seguidos pelo pensamento filosófico no século passado. No século XX a filosofia se depara com o que é geralmente caracterizado como sua própria ‘crise’ (ainda que haja quem diga que a filosofia sempre esteve em crise): crise da *razão teórica*, que parece ter fracassado em sua tarefa iluminista (tal como ima-

INTRODUÇÃO



Freud

Pai da psicanálise, doutrina psicológica que afirma que a consciência é determinada por fatores inconscientes estruturados a partir das vivências afetivas da primeira infância.

Globalização

Processo de ruptura de fronteiras, em primeiro plano, econômico, pelo qual as empresas não se organizam mais respeitando limites nacionais. A globalização impõe o fim da autonomia das nações na gerência de seus interesses particulares, devendo todas se submeter à lógica global do capital.

ginada no século XVIII); crise dos *fundamentos*, explicitada tanto por um Nietzsche (“Deus morreu”) como por um Marx (ao exigir que a filosofia não apenas ‘interprete’, mas ‘transforme’ o mundo); crise da *consciência*, com **Freud** mostrando que nossas razões mais básicas estão além do plano da consciência; crise das *Ciências Humanas*, abaladas pela demolição de suas bases (dita também ‘crise do Sujeito’ e ‘crise da História’ caracterizada como ‘psicologismo’ e ‘historicismo’); crise da *natureza* (o afastamento do homem da natureza em virtude do processo civilizatório; a denúncia das ‘falácias naturalistas’); crise na relação entre *teoria e prática* (com o alheamento das teorias em relação à realidade); a crise do *humanismo* acirrada pelo avanço tecnológico cego, pelos totalitarismos políticos e pela experiência traumática de duas Grandes Guerras Mundiais devastadoras; crise da *metafísica*, colocada sob suspeita radical por vários lados como algo a ser ‘superado’; crise, enfim, da própria *filosofia*, assolada por um pragmatismo cada vez mais acintoso, que chega a não ver mais lugar para si mesma em um mundo cada vez mais determinado por interesses comerciais e utilitaristas imediatos ditados pela **globalização** e pela instrumentalização do saber.

No século XX a novidade é que a filosofia passa a tematizar o seu próprio fim (o “Fim da Filosofia” torna-se tema recorrente de vários pensadores), uma vez que não haveria mais lugar ou função para reflexões filosóficas ditas ‘ociosas’ em um mundo regrado por tecnologias políticas produtivistas impostas por um sistema trans-nacional (global), sobre o qual, ninguém mais pode pretender ter controle.

O MARXISMO OCIDENTAL

O século XX é também caracterizado pela ausência de grandes ‘novidades’ filosóficas (como as que ocorreram no período moderno, nos séculos XVII, XVIII e XIX), ficando marcado antes por uma série de ‘reciclagens’ mais ou menos bem articuladas de pensamentos anteriores. Um século, portanto, relativamente pobre em filosofia (por comparação), o século XX assistiu a uma sucessão aparentemente anárquica de ‘neos’: neo-racionalismos e neo-irracionalismos, neo-estruturalismos e neo-fenomenologias, neo-positivismos e neo-hermenêuticas, neo-empirismos e neo-marxismos, neo-logicismos e neo-modernismos, neo-criticismos e neo-misticismos, fragmentados em diversas escolas, geralmente sem muita unidade interna, cada uma fazendo sua própria síntese a partir de modelos colhidos, aparentemente ao acaso, do passado recente ou remoto.

Assistimos no século XX a passagem de hordas de positivistas combatendo hordas de existencialistas, ambos combatidos por hordas de marxistas, sem que um vencedor tenha se apresentado claramen-



Revolução Russa (Fonte: <http://pcdobpr.files.wordpress.com>).



Hegel

Autor do século XIX, representante do Idealismo Alemão, autor da *Fenomenologia do Espírito*, livro no qual procura descrever a dialética do espírito objetivo, desde a inicial alienação completa entre Natureza e Cultura até a síntese completa de ambos no Espírito Absoluto.



Husserl

Pai da Fenomenologia contemporânea que procura fazer dela uma ciência rigorosa através de procedimentos como a ‘epoché’ (suspensão do juízo) até a descrição das ‘essencialidades’ pelas quais a consciência constitui o sentido dos objetos. Define a consciência como ‘intencionalidade’ procurando alcançar o momento anterior à distinção entre sujeito e objeto.

te, sendo que mesmo no interior de cada uma destas hordas os pensadores pareçam capazes de se colocarem de acordo entre si mesmos.

Enfim, no século XX a filosofia se apresenta, à primeira vista, como uma balbúrdia altissonante de ‘ismos’, de pensamentos diversamente misturados e sem muita originalidade, de ‘modas’ que não resistem a mais de uma estação. Terminamos o século sob o estigma do ‘pragmatismo’ e do ‘pós-modernismo’, que contribuíram cada um por seu lado para reduzir a filosofia a uma especialidade acadêmica (a algo próprio de ‘filósofos profissionais’) e a fazê-la se acomodar à falta de unidade, de perspectiva comum e de relevância. Porém, estranhamente, o século XX não conseguiu destruir completamente a filosofia e, desde o nosso século XXI, podemos já tentar lançar um olhar um pouco mais compreensivo para o século passado a fim de procurar entender o que aconteceu, afinal - ainda que possamos (e talvez devamos) manter viva a desconfiança de que, ao falarmos em filosofia neste Terceiro Milênio, talvez estejamos apenas tentando ressuscitar um cadáver ambulante, já vegetativo, mantido vivo apenas por hábito nas academias universitárias por gente desatenta que não se deu conta de que a paciente (a ‘Filosofia’), assim como ‘Deus’, a ‘Natureza’, o ‘Sujeito’, a ‘Arte’ e a ‘História’, também já morreu.

Sem pretender aqui esgotar as diversas correntes da (ou os caminhos tentados pela) filosofia contemporânea, cremos ser possível organizá-las em três categorias principais, marcadas pelo modo como se apropriam do passado:

- 1) os herdeiros de Marx no campo do ‘*Marxismo Ocidental*’ entrincheirados na Filosofia Social e também chamados de ‘hegelianos materialistas’ (alguns dos quais trataremos a seguir);
- 2) os herdeiros diretos de **Hegel** que vão cunhar, em diversos sentidos, uma nova ‘*Fenomenologia*’ e defender formas diversas de culturalismo e espiritualismo (dentre os quais destacaríamos **Husserl**, o ‘pai’ da Fenomenologia contemporânea, **Heidegger**, o mais famoso - talvez porque mais obscuro - e **Merleau-Ponty**,

talvez o mais sério e pertinente crítico entre os fenomenólogos - sem esquecer de mencionar **Sartre** enquanto fenomenólogo marxista, ou representante de um 'marxismo-existencialista'); e, por fim, 3) a tradição '*Analítica*' que renegando a dialética hegeliana por princípio (seja na versão materialista, seja na versão espiritualista) retomam a tarefa crítica kantiana da filosofia como análise de conceitos - com base na nova lógica formal (simbólica) - e exame das condições da experiência, e se entregam ao trabalho de combater os abusos da metafísica, apelando para a racionalidade científica (dentre os quais destacaríamos os Empirismo Lógico inglês, interessado seja em lógica e ciência (como **Russell**) seja em ética (como **Moore**), seus primos próximos do Positivismo Lógico (o **Círculo de Viena**), o papel de Wittgenstein neste contexto (autor que será melhor estudado no capítulo seguinte), e seus desdobramentos na Filosofia da Linguagem Cotidiana em Filosofia da Mente, nas Ciências Cognitivas e no Pragmatismo norte-americano).

Deste quadro genérico que não esgota a locação possível dos personagens (pois sempre pode ser apontado um pensador que não se encaixa devidamente em nenhum dos três rótulos acima - ou que se encaixe em mais de um deles - e, portanto é bom estarmos bem avisados de que estas três categorias não são mais do que 'rótulos', usados aqui para facilitar a apreensão de um processo complexo), destacamos neste capítulo o primeiro grupo, o 'Marxismo Ocidental', abordado parcialmente e em uma perspectiva específica: o trabalho de Lukács e de dois membros da Escola de Frankfurt nas figuras centrais de Walter Benjamin e Theodor Adorno.

A partir deste momento, apresentaremos os pensamentos de Lukács, Benjamin e Adorno, três representantes de uma das perspectivas contemporâneas da filosofia: o marxismo ocidental. Procuraremos destacar alguns contrastes e semelhanças entre eles, tendo como foco central o problema da relação entre a racionalidade política e a totalidade do real.



Merleau-Ponty

Fenomenólogo francês, autor da *Fenomenologia da Percepção*, livro no qual contesta a concepção cartesiana de consciência e a dualidade de corpo e alma, propondo uma compreensão não dualista do ser humano.



Jean-Paul Sartre

Famoso autor de literatura (*A Náusea*) e de filosofia existencialista, cruzando o método fenomenológico com preocupações marxistas. Intelectual engajado envolveu-se nas grandes questões políticas de seu tempo.



Russel

Influente filósofo inglês, autor do *Principia Matemática*, livro que estabelece a compreensão da matemática moderna. Combatia as diversas formas de idealismo filosófico e da metafísica em nome do Empirismo Lógico e de uma concepção científica da filosofia.



Heidegger

Aluno de Husserl que desenvolve sua própria concepção de fenomenologia. Autor de *Ser e Tempo*, livro no qual procura descrever as estruturas ‘epocais’ da existência, definida como *da-sein* (‘ser aí’): o ser humano é desde o começo já lançado-no-mundo. Procura compreender ontologicamente a ‘angústia’ existencial.

MARXISMO OCIDENTAL: FILOSOFIA COMO CRÍTICA DAS SOCIEDADES CAPITALISTAS MODERNAS

Marxismo Ocidental é a denominação dada aos herdeiros de Marx que, no século XX, colocaram no centro do interesse filosófico a crítica das sociedades modernas enquanto estruturas montadas em função de manter e aprofundar a “exploração do homem pelo homem” na forma de exploração do Trabalho pelo Capital (ou seja, a exploração da ‘classe trabalhadora’ pela ‘classe proprietária’).

Marx teria cunhado os instrumentos fundamentais para a compreensão da ordem socialmente injusta instaurada sobre a Terra, com sua interpretação materialista da dialética hegeliana. Para Hegel, a história seria um ‘processo dialético’, uma espécie de jogo oscilatório entre opostos (teses e antíteses) em busca de uma síntese conciliatória final - no ‘Espírito Absoluto’. E eis aí, segundo Marx, o erro fundamental de Hegel: ele teria concebido a dialética como processo ‘espiritual’, ‘abstrato’, apenas no plano ‘do conceito’. Marx não titubeou em colocar as coisas em seus devidos lugares, ou seja, em colocar a dialética hegeliana de ponta-cabeça: o plano material não é determinado pelas oposições do espírito (não é a idéia que determina o real), mas ao contrário, o que chamamos de ‘es-



Wall Street década de 30. (Fonte: <http://deminvest.files.wordpress.com>).

pírito' (a superestrutura cultural) é que é determinado pelas oposições reais existentes no plano material, no concreto (a infraestrutura), pela efetiva luta de classes sociais (ou seja, pela oposição real entre dominados e dominadores, entre os 'capitalistas', os que detêm o capital e os meios de produção, e o 'proletariado', os que têm apenas o seu trabalho, e sua 'prole', para vender, sempre em situação de desvantagem, aos capitalistas). Ou seja, não são as oposições de idéias que determinam o real, mas são as oposições reais que determinam as idéias.

Ao defender a 'ditadura do proletariado' como única forma de combate efetivo à classe burguesa e à exploração, inevitável e progressiva, que sua existência acarreta, Marx pretendia apresentar sua versão de **Socialismo** como única versão propriamente científica e racional da revolução social (contra os 'socialistas utópicos' franceses e os **anarquistas**, ditos também utópicos). O método correto para a correta interpretação do processo histórico e social só poderia ser o método histórico materialista-dialético (apelidado de 'DiaMat'), único capaz de revelar as estratégias do Capital em seu afã de explorar a maioria trabalhadora (a obtenção injusta do lucro através da '**mais-valia**'), ou seja, único modo de superar efetivamente a contradição social das classes, pela imposição, pelos trabalhadores organizados (em um partido político), da socialização dos meios de produção. Ora, na análise de Marx o modelo burguês moderno de exploração superou o modelo feudal medieval, criando um 'Estado de Direito' (formalmente **democrático** e republicano, em teoria, mas no plano real, **oligárquico** e de uso privado, na prática) cuja função real principal é a de deter os inevitáveis avanços da classe operária em sua luta por justiça e garantir assim o 'direito' dos ricos de se tornarem "cada vez mais ricos", enquanto os pobres se tornam "cada vez mais pobres". Ainda segundo esta análise, as contradições internas do Capital teriam de ser acirradas e aprofundadas a fim de superarmos a propriedade privada dos meios de produção (das terras, das fábricas e dos serviços), pilar básico das desigualdades sociais, o que só poderia acon-



Moore

Companheiro de Russell em sua luta contra o idealismo e a metafísica, autor de *Principia Ética*, livro que estabelece as bases do utilitarismo (versão sofisticada de utilitarismo) e da crítica às 'falácias naturalistas' no campo da moral.

Círculo de Viena

Grupo de intelectuais ligados à ciência que se reuniram em Viena, na Áustria, nos anos 20, e lançaram um famoso manifesto, a *Concepção Científica de Mundo*, pelo qual anunciavam sua tarefa de destruição da visão metafísica de mundo, colocando a filosofia no rumo certo da ciência. Formuladores do que ficou conhecido como Positivismo Lógico.

Socialismo

Doutrina política exacerbada no século XIX que afirma a necessidade de romper com a propriedade privada e da posse coletiva dos bens e dos meios de produzi-los.

Mais-valia

Estratégia denunciada por Marx pela qual o capital obtém o lucro, ao pagar ao trabalhador apenas uma parte do trabalho que ele tem em produzir uma mercadoria, ficando com a parte restante para si, apropriando-se do trabalho alheio sem nada produzir.

Democracia

Sistema político no qual o poder de decisão pertence à maioria.

Oligarquia

Sistema político no qual o poder de decisão pertence a um grupo ou a uma minoria. Distingue-se da monarquia, em que o poder de decisão pertence a uma pessoa só.

tecer nas sociedades mais desenvolvidas industrialmente, como era o caso da Inglaterra do século XIX (justamente para onde Marx se recolheu a fim de estudar e redigir sua obra maior, *O Capital*).

A História, porém, não confirmou esta previsão de Mister Marx, pois a Inglaterra não só manteve como aprofundou seu modelo liberal-capitalista (hoje sob a forma de neo-liberalismo), enquanto a revolução acabou ocorrendo, de fato, em um dos países industrialmente mais atrasados da época, a Rússia imperial czarista (daí espalhando-se para o Leste Europeu, depois China, Coréia do Norte, Cuba, ou seja, para lugares igualmente ‘atrasados’). Com a vitória do partido de Lênin (os bolcheviques) e a implantação do ‘socialismo real’ (o coletivismo) naquele país, e não nos mais avançados, como a teoria marxista previa, alguns axiomas do marxismo teriam de ser revistos. A esta revisão das bases teóricas do marxismo, imposta pela pressão dos acontecimentos históricos, deu-se o nome de ‘Marxismo Ocidental’ (expressão cunhada por Merleau-Ponty no livro *As Aventuras de Dialética* de 1955, para distinguir o marxismo de pretensão universalista das versões locais de marxismo, como o marxismo eurocêntrico inicial, o soviético e o asiático).

A preocupação central do Marxismo Ocidental é compreender o contraste entre a *imperatividade de revolução* (a convicção de que ela é inevitável) e uma *realidade social e histórica que a posterga sistematicamente* (a eficácia das sociedades avançadas em evitá-la). Um tema central para a explicação teórica destes neo-marxianos é, portanto, o problema da ‘alienação’: entender como e por que as classes dominadas (a massa trabalhadora, que é maioria) *não conseguem enxergar* a exploração a que são submetidas (pela minoria proprietária do capital); como *não conseguem ver* o poder que possuem, se forem capazes de se unir; e, enfim, como acabam lutando eles mesmos para manter a escravidão a que estão submetidos.

Com as denúncias dos crimes de Stálin e a revelação dos abusos da burocracia russa contra os trabalhadores soviéticos (nos anos 50) e, enfim, com a queda do muro de Berlim (em 1989) foi anunciado o ‘fim do socialismo real’. O esforço do Marxismo Ocidental é, portanto, o de procurar entender por que a humanidade ‘prefere’ continuar a ser explorada pelo capital (e cada vez mais, nesta atual fase do capitalismo pós-industrial e globalizado), ao invés de realizar a revolução social que poderia assegurar paz duradoura, liberdade efetiva e igualdade real para todos (e não apenas rótulos formais vazios e enganosos como nas sociedades democráticas burguesas), ou seja, a tão esperada emancipação da classe trabalhadora.

Trata-se de compreender, assim, a *luta ideológica* travada no interior de todas as sociedades, através da qual uma minoria exploradora consegue manter a maioria explorada *alienada* de seus verdadeiros direitos, *alheada* das relações efetivas que ocorrem na sociedade - e, ainda por cima, consegue ficar ‘feliz’ com isso - através do controle das escolas, da religião e da mídia (e especialmente a manipulação das artes), principais ‘aparelhos ideológicos’ do Estado burguês.



Tempos modernos. Charles Chaplin- E.U.A. 1936. (Fonte: <http://deminvest.files.wordpress.com>).

Utopia

Termo derivado de ‘topos’ (lugar) e de um prefixo (‘u-’) com valor de negação. Um não-lugar, ou seja, algo que não tem existência real, mas que uma vez formulado pode servir de parâmetro para a ação e o pensamento humano.

Anarquismo

Doutrina política cujo nome deriva de ‘arquê’ (princípio) e o prefixo de negação (‘an’), ‘sem-princípios’, também formulada no século XIX, concorrente dos socialistas e dos comunistas, que também apregoam o fim da propriedade privada, mas discordam (dos marxistas) de que o Estado deveria ser tomado por um partido. Defendem o fim automático do Estado e a usufruição espontânea, sem regras e sem líderes, dos bens materiais.

GEORG LUKÁCS

Ontologia

Área da filosofia que estuda o 'ser' ('ontos', em grego), ou seja, aquilo que existe por si e por si subsiste (independentemente dos pensamentos do ser humano), como a 'substância' ou a 'essência' das coisas.

Em uma das vertentes principais do Marxismo Ocidental (que inclui ainda intelectuais engajados como Antonio Gramsci, Rosa Luxemburgo, Herbert Marcuse, Louis Althusser e Jean-Paul Sartre) encontramos o trabalho de base do filósofo húngaro Georg Lukács (1885-1971) enfatizando a *dimensão teórica* do marxismo (a revolução social não como mero 'desejo' de alguns, mas como 'exigência' da realidade histórica). Seu livro da juventude *História e Consciência de Classe* (1923) é um marco na revitalização da teoria marxista no século XX, e com as 1.200

páginas de sua obra da maturidade, a *Ontologia do Ser Social* (1969), com a qual procura corrigir traços ainda 'idealistas' de sua obra prima juvenil, Lukács chegaria à máxima expressão de sua visão das tarefas da filosofia. Em sua maturidade, Lukács procura mostrar o caráter **ontológico** do marxismo (além do estatuto de seu método histórico-dialético), em oposição a certas versões 'idealizadas' do marxismo, que o restringem ao marco antropológico e a um problema de consciência. Lukács procura mostrar que o marxismo não é apenas uma teoria sobre *o que o ser humano é ou deve fazer* (um dever moral), mas, mais substancialmente ainda, é uma teoria sobre *como a realidade é* (uma ontologia), e daí então sobre como devemos

nos relacionar com ela.

Na obra juvenil, depois anunciada como iniciadora do Marxismo Ocidental, Lukács afirma categoricamente que “o que diferencia decisivamente o marxismo da ciência burguesa *não é* a tese do predomínio dos motivos econômicos na explicação da história, mas sim o *ponto de vista da totalidade*” (Lukács, 1967: 45). O que



Coca-cola, cartaz, França dezembro de 1950. (Fonte: <http://www.plan59.com>).

mantém a massa alienada é, portanto, a dificuldade de se alcançar este ponto de vista da totalidade do processo, uma vez que a ideologia burguesa apresenta sistematicamente a parte como se fosse o todo (um saber fragmentado, ‘pós-moderno’, parcial, atomizado, compartimentalizado, ‘de especialistas’ e, portanto, alienante).

Ao defender o marxismo como teoria ontológica (única possibilidade de visão concreta da totalidade do real em devir), Lukács também rebate as ideologias burguesas que mantêm o sistema funcionando, expressas, sobretudo, em duas formas principais: 1) os *neopositivismos* (com sua negação do sujeito, da história, da ontologia, da totalidade e da dialética) que procuram ‘racionalizar’ o capitalismo segundo uma lógica formal abstrata; 2) os *neo-irracionalismos* (manifestos em vertentes da fenomenologia, Heidegger por exemplo, e filosofias existencialistas, despojadas de ‘historicidade concreta’), ideologias que defendem enfim uma ‘fuga romântica’ (idealista e irracional) desta realidade opressiva (seja pela ‘razão formal’, seja pela ‘desrazão’) ao invés de seu enfrentamento através da luta política - ideologias denunciadas no livro *A Destruição de Razão* (1953).

Lukács também se destaca por ter refletido ao longo de toda sua vida sobre as relações entre arte e política (tendo inclusive ocupado um cargo político importante na área cultural durante o primeiro governo comunista da Hungria), ou sobre política e estética: o problema de uma política cultural, na qual defendeu uma forma de ‘realismo socialista’. Ao procurar equacionar o compromisso entre os valores estéticos (da forma e do conteúdo artísticos) e os valores políticos (da revolução), Lukács sabia muito bem que a simples manipulação da arte para fins políticos, mesmo que ‘em nome da revolução’, acabaria apenas por prejudicar tanto a arte como a política. Mas a **katarse** especificamente artística é, segundo Lukács, um dos principais meios de desalienação do ser humano para fazer com que ele reconheça a necessidade da ação política conjunta (e com isso denuncia as formas vãs de ‘arte pela arte’ que levam os seres humanos a se evadir da realidade na qual vivem, aprofundando a alienação). A arte realmente engajada é aquela que leva à

Katarse

Palavra de origem grega que significa ‘purificação’, ‘purgação’; termo de origem médica que foi usado por Aristóteles em sua Poética para explicar o efeito que a obra de arte (a tragédia em particular) exerce sobre os seres humanos, fazendo-os se libertar de suas dores e de seus medos, justamente através da identificação com os personagens apresentados na narrativa.

Paradigma

Termo de origem grega que significa ‘modelo’, ‘tipo’ ou ‘padrão’. Um paradigma é um modelo tomado como regra ou critério de comparação para medir o grau de exatidão com que uma coisa é feita.

Épico

Gênero literário de narrativa que se distingue da lírica (que se atém à expressão de vivências subjetivas) e do drama (que descreve uma ação limitada a um personagem ou grupo restrito de personagens). O romance épico envolve uma temporalidade ampliada e tem por personagem não uma pessoa ou grupo em particular, mas a história de toda uma época, uma geração ou um povo.

universalização do espírito humano, à emancipação de suas particularidades provincianas e egoísticas e assim, a uma visão esclarecida da totalidade. O ‘grande realismo’ da ‘grande arte’, diz Lukács, fortalece nas pessoas a consciência de cada uma ser um representante da humanidade e o levaria assim a assumir sua tarefa e sua responsabilidade nos problemas que envolvem os outros seres humanos. A *Teoria do Romance* (cuja primeira versão é de 1914-15) é um livro no qual Lukács se lamenta da *perda* contemporânea de um mundo unitário e harmonioso, lamenta a perda de uma linguagem que era capaz de exprimir a totalidade imediata - uma visão nostálgica, partilhada por vários pensadores, entre eles Walter Benjamin. A totalidade primeira e imediata estava irremediavelmente perdida, e a questão para Lukács ficava sendo, então, como alcançar uma ‘nova totalidade’, mais mediatizada, mais completa e universal do que aquela ‘felicidade originária’ perdida.

WALTER BENJAMIN

O ensaio *O Narrador* (escrito em 1935) de W. Benjamin (1892-1940), inspirador decisivo e colaborador da Escola de Frankfurt (fundada em 1924 como Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt, transferida para Genebra em 1933, retornando à Alemanha em 1950), tem vários pontos de contato com a *Teoria do Romance* de Lukács (que Benjamin cita várias vezes): aqui também um ‘passado mais harmonioso’ serve de ‘paradigma perdido’ para um ‘presente desencantado’ - com a diferença de que este **paradigma** para Benjamin é a produção artesanal pré-industrial e pré-capitalista medieval, e não a Grécia antiga, como para Lukács.

Diferentemente de Lukács, que parece acreditar na formação de uma nova ‘totalidade **épica**’ - e para quem a grande manifestação artística disso se encontraria na obra de **Dostoievski** -, Benjamin insiste no inelutável fim da narração tradicional, em função justamente da *perda* da ‘experiência coletiva tradicional’ (seu conceito-chave), sem poder mais acreditar no renascimento

de uma ‘nova totalização’ mais elaborada (ou mais universal). As Grandes Narrativas que davam ‘unidade épica’ ao processo histórico estão definitivamente mortas, segundo Benjamin, *porque* a ‘experiência coletiva’ não é mais possível no mundo atual (em nosso mundo da ‘reproduzibilidade técnica’ e de rápido consumo compulsório e individualista de ‘cultura’ na forma de vídeos-clipes fragmentário e passageiro). A ‘narração’ não é apenas, portanto, uma questão literária, mas diz respeito à própria (im)possibilidade da transmissão cultural (como um todo), ou seja, a nossa relação (alienada) com nosso próprio passado e assim à impossibilidade de auto-compreensão individual e coletiva (enfim, à impossibilidade de compreendermos nossa própria herança cultural burguesa).

Em suas *Teses sobre o Conceito de História* (publicadas em 1940), Benjamin combate o que chama de ‘historicismo’, isto é, o positivismo pretensamente ‘desinteressado’, que diz descrever ‘objetivamente’ as tendências históricas (a pretensa ‘neutralidade’ historicista), explicado como forma de ‘passividade’, ou seja, de aceitação incondicional do existente (das relações de dominação e opressão vigentes). Ele vê nisso uma ‘acomodação reacionária’ sob a máscara da ‘neutralidade científica’. A falsa-continuidade da história (a ‘falsa epicidade’) e a continuidade da opressão: trata-se de reprimir, não deixar emergir os momentos que podem romper, implodir e esfacelar a farsa montada da história niveladora imposta pelos dominantes e por seus sequazes. E não é possível mais uma história épica universal alternativa (apesar de todas as boas intenções socialistas), uma vez que a ‘experiência coletiva’ que tornaria isso possível não existe mais (a experiência coletiva que estava presente na atividade artesanal pré-capitalista, tornada impossível com a lógica da divisão-do-trabalho nas sociedades industriais).

Esta convicção leva Benjamin a denunciar a necessária ‘falsa universalidade’ das narrativas totalizantes (almeçadas por Lukács) como ‘ilusão de universalidade’ e como pretensão abusiva de qualquer discurso. E parece não haver em Walter



Dostoiévski

Autor de literatura realista russo, do século XIX, que desenvolveu uma nova forma de romance (chamada de romance polifônico), no qual as diversas vozes dos personagens não são nunca reduzidas a uma só voz subjacente nem determinadas por um sentido único.

Benjamin qualquer solução satisfatória para esta situação, uma vez que as soluções tradicionais não podem mais servir de paradigma para nossa atual desorientação - o que, para Lukács, soava como uma ‘visão pessimista desesperada’, tal como a que se encontra na obra de **Kafka**. No entanto, Benjamin parece ter desistido de vez da bela convicção de uma ‘totalidade dialética plena de sentido’, sem cair, porém, em uma resignação angustiada que desistiu da crítica e da transformação do presente: criticar a cultura é também criticar nossos padrões e pretensões à universalidade e à totalidade; e mais ainda, criticar a cultura é, sobretudo, dar atenção e voz ao particular, ao estranho, ao anormal, ao que foi silenciado, enfim, àquilo que nunca se encaixa bem em novas tentativas de totalização.



Franz Kafka

Autor de literatura tcheco, do século XX, criador de formas literárias insólitas e recheadas de ‘absurdos’, em que os personagens são envolvidos em esquemas que não compreendem e terminam geralmente de maneira trágica.

THEODOR ADORNO

Adorno (1903-1969), na esteira de Benjamin, denuncia como grande tentação do pensamento dialético a tentação da ‘reconciliação apressada’: as falsas-totalizações que servem apenas para acomodar nossa consciência, para evitar e não para compreender a realidade. Autor, com Max Horkheimer, da *Dialética do Esclarecimento* (1944), Adorno foi o principal diretor da Escola de Frankfurt e assim um dos principais responsáveis pela formulação da Teoria Crítica no âmbito da Filosofia Social contemporânea. A *Dialética do Esclarecimento* procura mostrar que a *razão ocidental* nasce da *recusa ao pensamento mítico*, na tentativa perene de *livrar o ser humano do medo* - sendo que o ‘esclarecimento’ não consegue realizar isso, mas pelo contrário, acaba por aprisionar ainda mais o ser humano, uma vez que *a razão ela mesma se transforma em um mito*. Articulado, sob influência de Lukács, mas também de Benjamin, idéias de Kant, de Marx, de Nietzsche e de Freud, a Teoria Crítica frankfurtiana procura tornar compreensível este fragoroso fracasso da razão ocidental em sua tarefa de nos livrar do medo. Sob o impacto da ascensão do nazismo e da Segunda

Guerra Mundial, Adorno procura compreender como foi possível que seu povo aderisse tão incontinentemente à loucura nazista (o totalitarismo).



Nazismo (Fonte: <http://historiaobjetiva.fotoflog.com.br>).

A *Dialética do Esclarecimento* é tida por uma das obras filosóficas mais radicalmente pessimistas do ocidente - talvez reflexo justo de sua época dramática: nazismo triunfante de um lado, stalinismo opressivo de outro, e no meio, o aburguesamento das classes operárias no capitalismo avançado - em todas as direções apenas opressão, sofrimento e morte (e o pior, a acomodação bem-pensante e satisfeita a essas formas de dominação). A tese principal da obra é anunciada no Prefácio: “O mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia” (Adorno e Horkheimer, 1985: p.15), denunciando assim o enclausuramento da razão em um pensamento tão ameaçador

quanto o das lendas míticas que diz combater. Esta análise das contradições presentes no projeto de emancipação da razão iluminista alcança, além do nível científico, também o nível da moral e da arte (a impossibilidade de uma transcendência estética, contra Walter Benjamin), uma crítica radical em três dimensões. Sua questão permanente é: como é possível um pensamento crítico, isto é, como manter a esperança na emancipação se seu principal instrumento, a razão, se tornou ela própria o principal instrumento de cerceamento mítico, contra o qual diz lutar? “No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a Terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal” (Adorno e Horkheimer, 1985: p.19).



Guernica, Pablo Picasso (1937) (Fonte: <http://notasaocafe.files.wordpress.com>).

O sentimento básico do ser humano que busca o esclarecimento é, portanto, o medo (seja da natureza, seja da violência social) - é o medo que desencadeia o pensar. Mas o problema não está nesta origem, e sim na própria solução inventada para

escapar ao medo: ter de tornar-se ‘senhores’ (o ‘processo de dominação’, da natureza, dos outros e de si mesmo). Nem mesmo a religião pode mais livrar o ser humano do medo, pois a religião ela mesma não passa, hoje, de encarnação dos medos, angústias e desejos humanos (demasiado humanos).

A razão tenta se livrar do medo através da dominação total do real (não tolera que nada lhe escape), e ao tentar fazer isso, cai em um processo de coerção tão ameaçador e restritivo quanto o cego destino mítico do qual queria se livrar. Para a totalidade fechada da razão qualquer coisa que esteja ‘fora’ dela é uma ameaça, que deve ser ou absorvida ou negada. A própria razão se torna o deus ameaçador mítico que aterroriza a si mesmo. O ideal kantiano de ‘autonomia da razão’ tornou-se assim, com o aprofundamento do capitalismo, auto-repressão da razão por si mesma. Mas Adorno é um crítico do iluminismo que permanece (dialeticamente) iluminista (à diferença de um Nietzsche), pois suas denúncias das perversões da razão retomam e reafirmam o ideal de emancipação da razão – assimilando, porém, de Nietzsche, a crítica à racionalidade iluminista como ‘vontade de poder’.

O alvo central da Dialética do Esclarecimento é a chamada ‘razão instrumental’, a razão formal e calculista, como instrumento de dominação (que serve apenas aos interesses de quem a utiliza). Uma razão ‘instrumentalizada’ é assim impedida de pensar a multiplicidade complexa do real: a lógica não nasce, afinal, da vontade-de-verdade, mas da vontade-de-poder. Toda ordem imposta pela lógica à realidade não seria senão um momento desta ‘vontade de domínio’ (a razão tentando conter seus medos), uma razão covarde, que só se acalma quando violenta a realidade e a troca por uma falsidade agradável. A própria doutrina marxista (o ‘socialismo científico’) não seria mais que outro momento da racionalidade ocidental com vontade-de-dominação.

O pensamento, diz Adorno, no último fragmento de outro livro, *Mínima Morália* (1947), cujo subtítulo é *Reflexões a Partir da Vida Danificada*, “precisa compreender sua pró-

pria impossibilidade, a fim de salvaguardar sua possibilidade”(ver). Quer dizer que todas as feridas do mundo só poderão ser devidamente reconhecidas no dia (que ainda não chegou) em que puderem ser efetivamente curadas, o que Adorno chama de um conhecimento “na perspectiva da redenção”.

A razão instrumental só é capaz de pensar os ‘meios’ mais ou menos adequados para tais e tais ‘fins’ já determinados, mas é incapaz de colocar estes próprios ‘fins’ em questão. Com isso, é a totalidade do corpo social que está ‘alienada’. A consequência é que a dominação capitalista condiciona inclusive aquilo que aparentemente resiste a ela: a arte pseudo-contestatória, os partidos ‘de esquerda’, o movimento estudantil etc que, enquanto acham que contestam o sistema estão apenas confirmando-o e permitindo seu aperfeiçoamento e cristalização. Em nenhum caso o pensamento escapa ao contexto geral de alienação.

A idéia central do terceiro livro de Adorno, a *Dialética Negativa* (1966), é a perda de qualquer esperança em uma síntese conciliatória que se produza ao final do jogo insaciável de teses e antíteses (nem como o ‘Espírito Absoluto’ de Hegel, nem como o ‘Comunismo’ de Marx). Uma dialética ‘negativa’ é uma dialética-sem-fim, sem momento totalizador, e esta seria a direção adequada para um pensamento que seja ‘racional’, mas não ‘dominador’ e sim ‘emancipatório’. O momento importante da dialética não está na tão esperada ‘síntese’, mas justamente na ‘antítese’, ou seja, no momento da negação de qualquer tentativa de apreensão da realidade em uma ‘tese’ qualquer. “É da determinação da dialética negativa não tranquilizar-se a si mesma como se ela fosse total; essa é sua figura da esperança” (Adorno, 1985b: p. 396)

Assim, neste último texto considerado, Adorno parece admitir já uma saída para essa coerção da razão por si mesma: um pensar que não desiste de seus próprios instrumentos para ir além de si mesma - sob a condição de jamais

descansar na pretensa síntese totalizante, fazendo com que a razão sempre volte a funcionar, volte a girar em qualquer ponto mais ou menos confortável de seu caminho. É preciso, diz Adorno, “ir além do conceito, através do conceito” (Adorno, 1985b: p. 25), ‘esperança’ esta que parecia estar completamente ausente da *Dialética do Esclarecimento*, mas que já começava a aparecer, ainda que timidamente, na *Mínima Morália*. Adorno começa com uma crítica radical à razão ‘esclarecida’ para chegar, enfim, a uma certa esperança de salvação do conceito de razão, capaz de indicar suas limitações e sua auto-superação. A ‘superação-da-razão’, destruição que destrói para melhor conservar, é uma superação que não visa mais nenhuma totalização positiva, e é por isso uma *Dialética Negativa*.



Theodor Adorno (Fonte: <http://adorno.planetaclix.pt>).

C aro aluno, assistimos na trajetória de Adorno, comprometida com a vontade de emancipação da humanidade de Lukács, mas marcada pela visão pessimista de Benjamin, talvez o último aceno, o adeus da razão à sua vontade-de-totalidade (tão

CONCLUSÃO

apregoadada como necessária por sua vez por Lukács). Adorno preferiu defender a razão, ainda que às custas de renunciar a qualquer possibilidade de totalização. A totalização nunca é verdadeiramente racional; e razão nunca pode ser verdadeiramente totalizadora. Se este resultado não nos tranquiliza nem afasta nossos *medos* mais fundamentais, ao menos deixa aberta uma janela para a *esperança* de não estarmos confinados a um impasse insolúvel entre a vontade-de-ser-racional (sem a totalidade) e a vontade-de-ser-total (sem racionalidade).

Adorno, enfim, fez uma opção. E hoje, ante as tendências políticas dominantes no começo tortuoso do terceiro milênio da civilização ocidental (o '11 de setembro' de 2001 é o marco inaugural dos neo-fundamentalismos em curso), quando tendências obscurantistas e neo-medievalistas se impõem (seja na versão protestante de um George Bush, seja na versão católica de um Bento 16), a chamada à razão de Adorno, ainda que na forma de uma dialética negativa, mostra toda sua pertinência.





RESUMO

Partimos da caracterização do período contemporâneo como período de ‘crise’ em vários sentidos (do iluminismo, dos fundamentos, das ciências humanas, da natureza, da relação teoria x prática, do humanismo, de metafísica e da própria filosofia) e como de reavaliação da trajetória da modernidade. Tal aparente anarquia de pensamentos em oposição pode ser organizada em três categorias (rótulos) gerais: 1) o marxismo ocidental; 2) fenomenologia e 3) filosofia analítica, dos quais destacamos o primeiro caso, nas figuras centrais de Lukács, Benjamin e Adorno.

Marxismo Ocidental é o nome dado aos pensadores da filosofia política contemporânea que procuram ajustar a teoria marxista tradicional à nova realidade histórica do séc. XX (o fracasso dos projetos socialistas e a recrudescimento de doutrinas totalitárias e neoliberais). O projeto de emancipação marxista precisava se aprimorar para enfrentar devidamente a realidade (catastrófica, ao menos para a maioria desfavorecida) da história social do século passado e do presente.

Procurando compreender as ‘vantagens do atraso’, ou seja, o fato de a revolução ter ocorrido, de fato, primeiramente em países atrasados industrialmente (ao contrário do que previa Marx), Lukács enfatiza o aspecto teórico do marxismo como teoria ontológica (do **ser social**), combatendo assim versões apenas antropológicas, psicologistas ou moralistas do marxismo, e trazendo à frente das questões o problema da necessidade de se obter uma compreensão da *totalidade* do processo histórico-social, única forma de combater a *alienação* das classes dominadas, alienação esta produzida por uma *ideologia* (a divisão social do trabalho) que fragmenta de tal o modo o saber e o fazer, que impossibilita qualquer tentativa de compreensão integral do processo de *dominação* do trabalho pelo capital, fazendo passar o interesse de alguns (uma parte) como se fosse o interesse de todos, fazendo dos oprimidos os agentes de sua própria dominação.

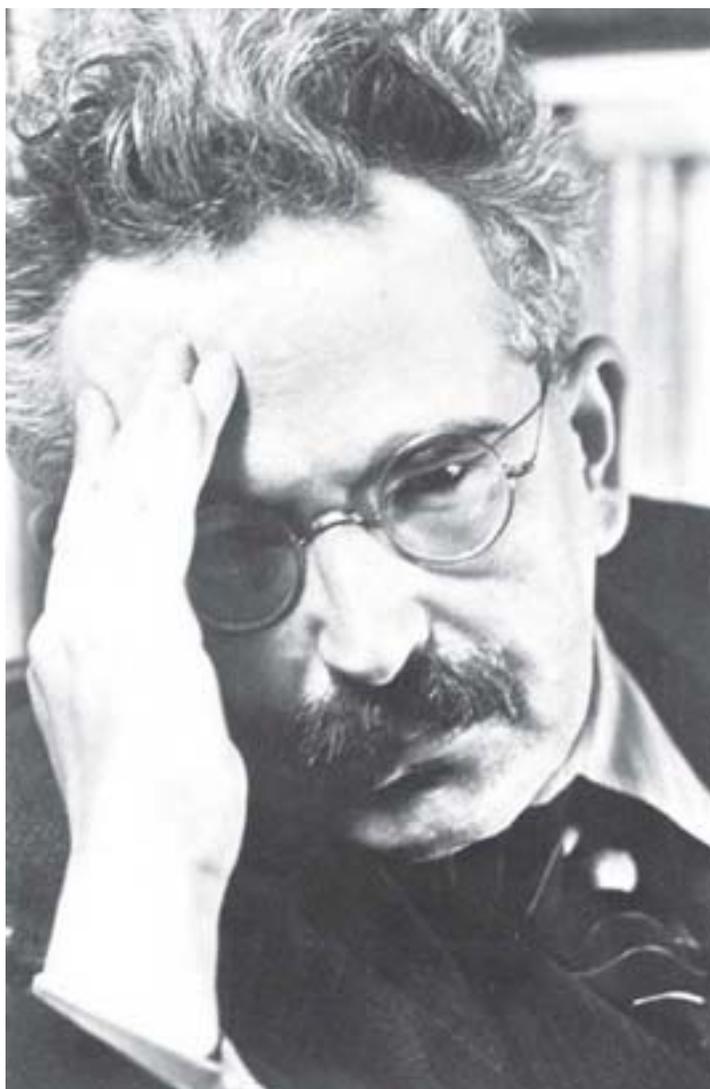
Ser social

A noção de ‘Ser Social’ em Lukács envolve dois aspectos concomitantes: a presença de *determinações causais naturais* de um lado, e a *ação criadora da práxis humana* de outro, ou seja, o Determinismo e a Liberdade, duas dimensões opostas articuladas pela noção integradora de ‘trabalho’.

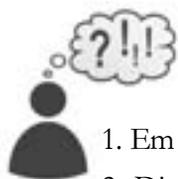
Walter Benjamin surge neste contexto polemizando contra Lukács quanto à possibilidade de obter uma visão totalizadora do processo histórico (o fim das grandes narrativas que conferiam sentido à vida quando a *experiência coletiva* ainda era possível – no trabalho artesanal, o que se tornou impossível diante da atual lógica da divisão social do trabalho imposta pelo modo de produção industrial). Benjamin, no entanto, não desiste da história, mas aponta para a necessidade de renunciar à pretensão de uma visão totalizante (almejada por Lukács), dando atenção e voz ao que foi silenciado pela falsa-

universalidade da história niveladora imposta pelos dominantes.

Lukács, influenciado pela desconfiança benjaminiana quanto à possibilidade de uma visão totalizante da história, faz uma trajetória que parece ir do mais profundo pessimismo quanto à possibilidade de uma razão emancipatória até a abertura para a esperança, em uma dialética negativa, para uma racionalidade que jamais des-cansa sobre falsas totalizações apressadas.



Walter Benjamin (Fonte: <http://www.braungardt.com>).



ATIVIDADES

1. Em que sentido se pode falar em ‘crise’ da filosofia contemporânea?
2. Diga por que a revolução russa de 1917 obrigou a uma revisão do marxismo original? Ou: que significa ‘Marxismo Ocidental’?
3. Por que Lukács enfatiza o caráter ontológico da teoria marxista?
4. Por que segundo Walter Benjamin as ‘grandes narrativas’ perderam o sentido?
5. Considerando a trajetória de Adorno, explique por que um compromisso com a racionalidade implica a renúncia à totalidade.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Questão 1. Considere o projeto oitocentista da razão iluminista e os eventos políticos do contexto contemporâneo do séc. XX.

Questão 2. Considere os pressupostos da concepção do processo revolucionário de Marx em contraste com os eventos efetivos da história do século XX.

Questão 3. Considere o que Lukács procura garantir com esta caracterização e o que ele procura evitar com isso.

Questão 4. Explique em que condições a narração era possível e qual a consequência disso para a compreensão da história.

Questão 5. Considere os três textos apresentados de Adorno e procure explicitar o que há de comum e o que há de diferente em cada um deles.

PRÓXIMA AULA



Na próxima aula, serão apresentados os principais pontos da Filosofia de Wittgenstein e o caráter pragmático da linguagem, segundo o filósofo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R; RÊGO, W. L. (orgs.). **Lukács, um Galileu no Século XX**. São Paulo: Editorial Boitempo, 1996.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **Mínima Morália**. Trad. Luis E. Bicca. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Dialética negativa**. Trad. J. M. Ripalda. Madrid: Taurus, 1985.

BENJAMIN, W. **O narrador**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Obras escolhidas).

_____. **Teses sobre o conceito de História**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

GAGNEBIN, J. M. **Sete aulas sobre Linguagem, Razão e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LUKÁCS, G. **Storia e coscienza di classe**. Milão: Sugar, 1967.

_____. **Ontologia do ser social - os princípios ontológicos de Marx**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciência Humanas, 1979.

_____. **A teoria do romance**. Lisboa: Editorial Presença, 1965.